Estiagem muda a safra 2004/2005

A comercialização da produção brasileira de cereais e oleaginosas da safra 2004/05 corre fora da normalidade e revela diversas surpresas. Há alguns meses, se desenhava uma crise aguda de preços, face ao grande aumento da colheita interna e mundial. Mas a estiagem começou a castigar em escala crescente os campos do Rio Grande do Sul e de alguns Estados da região Sul. O chamado choque na oferta das *commodities* não se concretizou e o mercado mudou de comportamento. Enfraquecidas até o final do primeiro bimestre, as cotações ganharam impulso.

De qualquer forma, mesmo com a alternância de cenário, a renda do setor fica comprometida. O ponto de mudança é a explicação da etiologia da crise, agora, muito mais em razão da produção menor do que em função de preços baixos, como antes.

A continuidade da seca traz preocupações para outras cadeias produtivas. A safra de inverno começa a ficar comprometida. O milho-safrinha, impulsionado com a quebra na colheita de verão, poderá ter parte da sua recuperação abortada, a contragosto dos produtores.

Embora seja muito peculiar da agricultura a exaltação de ânimos frente a uma conjuntura adversa, esse velho clichê parece não angariar resultados. O caminho da racionalidade pondera mais forte. Diante de uma série de reivindicações solicitadas pelas lideranças rurais, o governo apresenta um cardápio de opções. Longe de diagnósticos e remédios generalistas, as soluções sairão do estudo de cada caso. Fica fora da regra a agricultura gaúcha, afetada pela seca em grande proporção e que necessita de mais apoio.

Em meio a essa turbulência, é importante apontar o fator estrutural dos reais motivos de uma superprodução mundial provocar aviltamento dos preços. O tempo está esgotado para a Farm Bill permanecer como a fonte profusa de generosos subsídios para os norte-americanos plantarem, com a garantia de uma renda certa e segura. O caso mais emblemático acontece na soja, carro-chefe da agricultura nacional.

Nos casos do algodão e do açúcar, os passos dados pelo Brasil na esfera da Organização Mundial do Comércio repercutiram nos destinos da Rodada de Doha, em prol de uma liberalização das políticas protecionistas da agricultura. Apesar de ser mais difícil, pois seus preços se recuperaram na Bolsa de Chicago, é preciso achar um caminho semelhante para a soja e encontrar meios para provar a sobre-oferta provocada pela safra americana, devido a Farm Bill, no mercado mundial.

Agroanalysis mostra os pólos nacionais integrados de produção de frutas, um setor em que o País marcha firme para chegar a uma exportação de US$1 bilhão, em 2010. Com investimentos em *packing house* e qualidade de processos, junto com um planejado trabalho de marketing, o produto brasileiro conquista consumidores no exterior.

Na cadeia produtiva da pecuária de corte, o desafeto dos criadores para com a indústria prossegue pelos baixos preços conseguidos pela matéria-prima. A produção e os embarques de couro constituem uma faceta de uma atividade em estágio avançado no processo de industrialização. O setor cresce e ocupa espaço no mercado internacional. A implementação de programas de qualidade e consciência do segmento produtor trará mais competitividade para o produto nos próximos anos. São bem-vindas as iniciativas como as do presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), entrevistado nesta edição, que propõe um amplo diálogo da cadeia produtiva.

Por último, vale destacar a sanção presidencial à Lei de Biossegurança. A cronologia dos organismos geneticamente modificados passou por fases distintas, de esperançosos avanços e retumbantes recaídas. Há dez anos, o País estabelecia sobre a matéria um marco regulamentar moderno e de referência para outras nações. As pendengas jurídicas e a espera para a definição dos novos aparatos institucionais interromperam os trabalhos nacionais de pesquisa e desenvolvimento de transgênicos. O processo é retomado, mas não fica livre de demandas judiciais. ■